



Luis Fernandes Barbosa

Instituto Superior de Educação (ISE)
Departamento de História e Filosofia

Tema: A ilha do Fogo

A HIERARQUIZAÇÃO SOCIAL NO MUNICÍPIO DE S. FILIPE

(do povoamento aos finais do séc. XIX).



Praia, Setembro 2006.

Luís Fernandes Barbosa

**Instituto Superior de Educação (ISE) Departamento de História
e Filosofia.**

Tema. A ilha do Fogo

**A HIERARQUIZAÇÃO SOCIAL NO MUNICÍPIO DE S. FILIPE (do povoamento aos
finais do séc. XIX)**

Trabalho Científico de fim de curso apresentado ao Instituto Superior de Educação
para obtenção do grau de licenciatura em Ensino de História sob a orientação da Dr.^a
Iva Cabral.

Luís Fernandes Barbosa

**Instituto Superior de Educação (ISE) Departamento de História
e Filosofia.**

**Trabalho Científico Apresentado Ao Instituto Superior Educação Para Obtenção Do
Grau De Licenciatura Em História, Sob A Orientação da Dr.^a Iva Cabral.**

O Júri:

ISE, _____ de _____ de 2006

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai Luís António Barbosa (já falecido) à minha mãe Júlia Fernandes Barbosa por serem as pessoas responsáveis pela minha existência, e aos meus dois filhos, Luisny T. Barbosa e Gelson A. Barbosa.

AGRADECIMENTOS

Para elaboração desse trabalho tive o apoio e a colaboração de várias pessoas de entre os quais familiares, amigos, colegas, professores e a própria instituição. Por isso, gostaria de agradecer com maior ênfase algumas dessas personalidades:

A minha tia Maria de Jesus Fernandes, pelo apoio prestado durante o curso, a minha orientadora Dr.^a Iva Cabral, pelo apoio, dedicação e paciência demonstrada, como professora e como orientadora, á minha mãe, aos meus irmãos, primos, tias, em fim, a todos os meus familiares, aos colegas de curso em especial aos meus colegas António Canto, Alcindo Oliveira, Felizberto Mendonça e Alessandro Sequeira, pelo apoio e encorajamento ao longo do curso, ao meu colega de trabalho Rhain pelo apoio moral e coragem, á direcção da Escola Secundária Constantino Semedo” pela flexibilidade e disponibilidade de ajuda, a todos os meus professores do curso em especial ao professor José Évora pelo apoio na elaboração deste trabalho, ao ISE, ao Arquivo Histórico Nacional, a casa da Memória no Fogo principalmente a Sr.^a Monique Widmer enfim a todos os que de uma forma directa ou indirecta contribuíram para a realização deste feito.

EPÍGRAFO

Sodadi

*Terra grande di Vulcão
Djar-Fogo! M'stâ t'edjá-bo
M'tem gana di braça-bo
Djunto di nha coração*

*Ó terra qui m'crê más tcheu
Qui tudo cusa des mundo.
M'tâ dâ bo nha amor profundo
Li na terra amâ na céu.*

Miguel Alves in: Revista Magma. Ano II. Nº 4. Novembro 1983.

ÍNDICE

Introdução.....	Pag. 01
------------------------	----------------

Capítulo I

Enquadramento histórico da Ilha do Fogo no âmbito da Expansão Marítima Portuguesa. Achamento/ Descoberto.....	Pag. 03
Povoamento.....	Pag. 05
Modelo administrativo.....	Pag. 07
Delimitação fronteiriça do Município de S. Filipe.....	Pag. 08

Capítulo II

A Estrutura Social da Ilha do Fogo dos primórdios de sua ocupação.....	Pag. 10
Mobilidade social operada.....	Pag. 15

Capítulo III

Análise da sociedade foguêense (séc. XVI-XIX). Fundamentação teórica dessa hierarquização.....	Pag. 19
Conclusão.....	Pag. 34
Referencias bibliográficas.....	Pag. 36
Anexos.	

INTRODUÇÃO

O trabalho ora apresentado enquadra-se nas exigências do Instituto Superior da Educação para obtenção do grau de Licenciatura em Ensino de História.

As razões que estiveram na base da escolha deste tema são as seguintes:

A sociedade foguense foi uma sociedade escravocrata onde a hierarquização social tinha como base não só a riqueza, mas também a raça. Desta hierarquização racial ainda hoje existem alguns traços.

Tendo em conta que sobre este tema não existem muitos estudos, pretendo com este trabalho ajudar a produzir as bases para futuras investigações, e para um conhecimento mais aperfeiçoado da nossa realidade social e contribuir para a divulgação da nossa História.

Este trabalho visa dar uma visão mais clara da hierarquização da sociedade foguense e proporcionar uma base de apoio aos futuros investigadores que se debruçam sobre a História da ilha do Fogo. Por outro lado, esperamos que este trabalho possa contribuir para desmistificar algumas contradições sobre esta sociedade no que concerne a sua formação e evolução.

Ainda este trabalho visa: Retratar a história social da ilha do Fogo, com particular ênfase para o Município de S.Filipe, isto é:

- Identificar possíveis causas da hierarquização da sociedade foguense com destaque para o Município de S.Filipe.

Para conseguir esses objectivos e conseguir melhor encadeamento das ideias estruturamos o trabalho em três capítulos a saber: I Enquadramento Histórico da Ilha do Fogo no âmbito da expansão marítima portuguesa, II Estrutura Social da Ilha do Fogo nos primórdios da sua ocupação, III Análise da Sociedade foguense (séc. XVI-XIX).

Para realizarmos este trabalho, utilizamos essencialmente pesquisas documentais e a análise da tradição oral, visto que, o Fogo é uma Ilha rica nesta matéria.

Mas, também devo dizer que não foi fácil a elaboração deste trabalho na medida em que existe poucas as bibliografias sobre este assunto. Apesar dessas dificuldades pensamos trazer alguns aspectos relevantes que possam contribuir para futuras investigações.

Finalmente, esta escolha tem a ver com o meu sentimento de pertença à sociedade foguense, visto que sou natural dessa ilha, vivenciando a sua realidade social.

CAPITULO I

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO DA ILHA DO FOGO.

1.1. NO ÂMBITO DA EXPANSÃO PORTUGUESA

- Achamento/Descoberta

Como se sabe, a Europa durante o século XIV passava por uma grande crise resultante de diversos factores, nomeadamente a peste negra que teve consequências devastadoras. Para contornar essa crise, os europeus optaram pela aventura marítima isto é, na descoberta de novas terras. Sendo os portugueses os pioneiros desta aventura começou por conquistar Ceuta (em 1415) posteriormente acharam os Açores, a Madeira, a costa de Africa nomeadamente a Costa da Guiné e o arquipélago de Cabo Verde. A leitura da bibliografia referente a História de Cabo Verde permite – nos constatar que existe uma certa confusão quanto à utilização dos conceitos achamento/descoberta. Mas, tendo em conta que o nosso estudo não se debruça sobre esse aspecto, não vamos fazer sobre isso uma abordagem de fundo. Seja como for todos historiadores que se tem debruçado sobre

essa problemática admitem que as ilhas foram achadas entre 1460 a 1462. Mas, não podemos excluir a possibilidade delas terem sido visitadas antes da chegada dos portugueses.

As primeiras ilhas a serem visitadas pelas caravelas portuguesas foram as orientais: Sal, Maio, Boavista, Santiago e Fogo. Inicialmente as duas últimas eram chamadas de São Jacobo e São Filipe.

A ilha do Fogo, objecto do nosso estudo, terá sido a primeira a ser povoada logo a seguir a de Santiago, ainda na segunda metade do século XV. “*A circunstância de o Fogo ser inicialmente chamada S. Filipe (nome que, aliás, perdura num dos seus principais povoados), isto é, em dia do santo venerado de parceria com Santiago Menor, pode até significar que as duas ilhas foram encontradas ou vistas no mesmo dia, o que é bem provável ter acontecido*”¹.

Tudo leva a crer que Santiago e Fogo tiveram os mesmos descobridores, a mesma data de descoberta e, que o nome da cidade de S. Filipe estava relacionado com o dia do seu descobrimento.

Assim, segundo Luis de Albuquerque “*o achado consequente (ou seja, com resultados a curto prazo) das Ilhas do grupo oriental do arquipélago de Cabo Verde se deu em Maio de 1460 (em 1 de Maio teriam os navegadores chegado à ilha de Santiago) e foi uma flotilha de duas caravelas comandadas por António da Noli e por e por Fernão Gomes*”² Segundo o mesmo estudioso “*António da Noli, deve ter sido o verdadeiro descobridor da ilha de Santiago do arquipélago de Cabo Verde, que fez que fez na companhia de Diogo Gomes*”³. Assim pode se dizer que a ilha do Fogo também foi achada por António da Noli.

As outras ilhas que fazem parte das ilhas ocidentais, isto é, S. Nicolau, Santa Luzia, S. Vicente, Santo Antão e Brava ficaram a cargo de Diogo Afonso.

¹ ALBUQUERQUE, Luís de. O Descobrimento das Ilhas de Cabo Verde. In: **História Geral de Cabo Verde**. Edição 2ª. Praia 2001. Vol. I. Pag 31.

² Idem. Ibidem. Pag 39.

³ Idem. Ibidem. Pag 38.

- Povoamento

Assim como aconteceu noutras paragens por onde passaram os colonos portugueses, designadamente nos Açores e Madeira, após a descoberta de Cabo Verde, impôs a sua ocupação, povoamento, rentabilização e, conseqüentemente, a sua gestão. O povoamento das Cabo Verde foi motivado por diversos factores, o principal foi a sua posição geo-estratégica. Mas, para além desse factor existem outras motivações como as de carácter económico, que proporcionaram a rápida colonização das Ilhas. Inicialmente teve lugar o povoamento da ilha de Santiago por ter apresentado melhores condições de fixação. “*A privilegiada localização geográfica do arquipélago pesa decisivamente a favor de Santiago,*”⁴ e ter sido apoiado pela a Coroa quando mandou conceder privilégios, a todos os seus moradores através da célebre carta de 1466.

A ilha de Santiago foi a primeira a ser povoada (1462) tendo lhe seguido a ilha do Fogo.

O povoamento efectuou-se com contingentes humanos de diversas regiões do Globo, nomeadamente da Europa (Portugal, Espanha) e da Costa Africana mais concretamente dos Rios da Guiné de onde vieram homens e mulheres de diversas etnias tais como: “*Mandigas, balantas, Bijagós, felupes, biafados, papeis, quissins, bramas, banhuns, futas, jalofo, bambarás, bololas e manjacos sendo Cacheu, Geba e Bissau quem nos forneceu maior contingente humano*”⁵. A ilha do Fogo foi a segunda a ser povoada isso apesar de ter poucos recursos hídricos. Esta escolha resulta do facto de “*ser uma grande produtora de algodão e estar muito próximo da ilha de Santiago*”⁶. Ao contrário daquilo que aconteceu em Santiago no início do povoamento, “*a inexistência de incentivos não terá sido um obstáculo para o povoamento do Fogo*”⁷.

⁴ BALENO, Ilídio Cabral. Povoamento e Formação da Sociedade. In: **História Geral de Cabo Verde**. Vol. I. 2ª Edição. Instituto de Investigação Tropical e Instituto Nacional de Investigação Cultural. Praia 2001. Pag. 130

⁵ BRÁSIO, P^o António. **Descobrimento/ Povoamento/Evangelização do Arquipélago de Cabo Verde**. Edição separada de STVDIA – Revista Semestral. Nº 10 Junho Lisboa 1962. Pag. 40

⁶ BALENO, Ilídio Cabral. Povoamento e Formação da Sociedade. In: **História Geral de Cabo Verde**. Vol. I. 2ª Edição. Instituto de Investigação Tropical e Instituto Nacional de Investigação Cultural. Praia 2001. Pag. 143.

⁷ Idem. Ibidem. Pag. 145.

Apesar de não se conhecer a data exacta do início do povoamento da ilha tudo leva a crer que ele começou, nos finais do século XV entre 1480 a 1495. O historiador Daniel Pereira afirma que “ *ter-se-ia verificado ainda antes de 1495, pois a relação de entrega de alguns objectos de culto divino a essa ilha deixa pressupor isso na medida em que já existia uma Igreja*”⁸.

Para Ilídio Baleno, “*tudo indica, a iniciativa parte livremente dos moradores de Santiago já nos finais do século XV, mais precisamente entre 1480 e 1493*”⁹. Para justificar essa afirmação este historiador salienta o facto de “*o mercador francês Eustache de la Fosse, ao passar pelo arquipélago, diz-nos que as suas ilhas são em números de dez e que apenas uma é habitada, referindo-se à de Santiago; enquanto em 1493, há indícios de que o Fogo começa a ter moradores*”¹⁰.

Mas, é certo que não podemos falar inicialmente num grande povoado. Também podemos dizer que o primeiro núcleo populacional da ilha foi construído segundo Gilda Barbosa “*no terreno que se situa ao sul da ribeira de S. João e que ainda hoje se chama de achada S. Filipe*”¹¹. As primeiras casa começaram a ser construídas logo depois da chegada dos primeiros colonos.

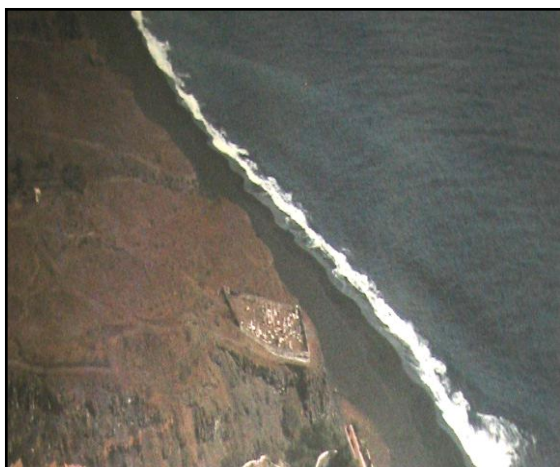
⁸ PEREIRA, Daniel. cit. (P^{te} António Brásio) **Apontamento Histórico sobre a Ilha do Fogo**. Edição 1^a Alfa Comunicações Lda. Praia 2005. Pag. 22

⁹ BALENO, Ilídio Cabral. Povoamento e Formação da Sociedade. In: **História Geral de Cabo Verde**. Vol. I. 2^a Edição. Instituto de Investigação Tropical e Instituto Nacional de Investigação Cultural-Praia 2001. Pag. 143

¹⁰ Idem, Ibidem. Pag. 143

¹¹ BARBOSA, Gilda. Minhas Historinhas do Fogo. In: **Jornal Terra Nova**. Ano XXXI. Nº 347. Janeiro de 2006.

Fig. 1



Fonte: O autor, Agosto de 2006

Fig. 2



Fonte: O autor, Agosto de 2006

Fig. 1 e 2 -Sítio onde desenvolveu o primeiro núcleo populacional da ilha

Segundo a tradição oral da ilha, foi mesmo á cima do cemitério representado na figura na direcção da seta que se tinha construído um grande edifício chamado por muitos de castelo.

1.2. Modelo administrativo.

A organização política – administrativa do Império Português no Ultramar foi o principal problema a resolver para o enquadramento político do espaço recém-descoberto e consequentemente para o seu domínio efectivo. Com um Império caracterizado pela dispersão territorial, a administração portuguesa tentou, na medida do possível, fazer o transplante e adaptação de instituições que já haviam sido experimentadas noutras paragens (nomeadamente nos Açores e na Madeira), estruturando-se sobre um modelo diversificado de instituições variadas. Como sublinhou António Manuel Hespanha, “...o Império Português não se estrutura sobre um modelo único de administração, antes fazendo conviver instituições muito variadas (instituições municipais e senhoriais de tipo europeu, capitánias-donatarias, feitorias-fortalezas, situações político – institucionais desenhadas, caso a caso, em tratados de paz, de vassalagens e de protectorados, simples

*enquadramento tático a partir de redes de relações comerciais, da acção dos missionários ou mesmo de presença de aventureiros portugueses, etc.) em territórios também eles múltiplos, de acordo com as intenções e oportunidades de ocupação*¹²

Em relação ao nosso país as donatárias, com os seus capitães/donatários, foram as primeiras formas político-administrativas introduzidas desde os primórdios da ocupação. A ilha do Fogo neste caso também funcionou durante séculos com base nesse modelo.

Ela, foi doada em 1495 a Fernão Gomes, na qualidade de Capitão Donatário, com o poder de governar e explorar a ilha. Posteriormente sucederam-lhe outros donatários. (ver anexo 1)

*“Fernão Gomes foi o primeiro Donatário d’esta ilha e capitão por elrei D. Manoel. Um dos seus primeiros sesmeiros, foi um certo Martim Miguel, que vendeu a sua sesmaria a Pêro Saco, ouvidor da mesma ilha”... “Outro **sesmeiro**¹³ foi bacharel Martim Mendes, cujas terras maninhas e montados passaram por seu falecimento ao Conde de Penelha por carta de 24 de Maio de 1528*¹⁴.

Com a morte do primeiro Capitão Donatário, a ilha foi doada ao Conde de Penelha, *“doou elrei todas as terras maninhas e montados ao mesmo conde de Penelha, por carta de 20 de Abril de 1520*¹⁵.

1.3. Delimitação Fronteiriça do Município de S. Filipe.

Tendo em conta que a nossa investigação debruça-se sobre o Município de São Filipe é relevante delimitar as fronteiras geográficas das duas freguesias que o compunha: a de Nossa Senhora da Conceição e São Lourenço:

¹² HESPANHA, António Manuel e Santos. Maria Catarina. **Os poderes num império oceânico**. In: História de Portugal. Vol.I. pag. 893.

¹³ Aquele que tem a seu cargo uma sesmaria.

¹⁴ CHELMICHE, José Canrada Carlos de. VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Corografia Caboverdiana ou Descrição geográfico – histórica**. Tomo I. Typ. de L. C. da Cunha. Lisboa 1841. Pag. 85

¹⁵ Idem. Ibidem.

Nossa Senhora da Conceição:

“Foz da ribeira do Pico, ribeira do Pico, bordas da Chã das Caldeiras, nascentes da Chã, cratera do Vulcão, monte Sobrado, Monte Macha Fêmea, queimadinha, ponta de baixo do Montado e costa marítima contornando a ilha pelo Sudoeste”¹⁶.

São Lourenço:

“Foz da ribeira do Pico, ribeira do Pico, bordas da Chã das Caldeira, nascente do Chã, ribeira lagido, foz da ribeira do lagido e costa marítima contornando a ilha por noroeste”¹⁷.

¹⁶ Agência Geral do Ultramar. **Dicionário Corográfico do arquipélago de Cabo Verde**. Lisboa/ MCMLII. Pag. 18

¹⁷ Idem. Ibidem. Pag. 18

CAPÍTULO II

1. A ESTRUTURA SOCIAL DA ILHA DO FOGO NOS PRIMÓRDIOS DA SUA OCUPAÇÃO.

A sociedade foguêense, é uma sociedade complexa, fascinante para alguns, misteriosa para outros.

Para tentarmos compreender a forma como se terá estruturado, vamo-nos debruçar sobre o seu processo de povoamento.

O povoamento do arquipélago de Cabo Verde, nomeadamente das ilhas de Santiago e Fogo não foi fácil, visto que, de início pensou-se num povoamento semelhante ao dos Açores e Madeira mas, “*poucos estavam interessados em se aventurarem a fixar residência*

na ilha”¹⁸. Assim como já foi referido anteriormente, para ultrapassar esse obstáculo, o rei elaborou a magna carta de 1466, que concedeu privilégios a todos os que decidirem viver na ilha de Santiago, isto é, dando-lhes algumas regalias de entre os quais, o direito de comercializarem livremente em algumas zonas da costa de África. A partir desse momento, começaram a vir com mais frequência comerciantes do reino. Mas, esta carta não efectivou o povoamento, assim como era pretendido pela Coroa. Perante tal situação houve a necessidade de elaborar uma nova carta isto é, a carta de 1472 que veio limitar os privilégios concedidos na primeira e fez com os armadores de Santiago produzissem na ilha para poderem armar. Perante isso tornou-se necessário ir à costa resgatar escravos para o arroteamento das terras. Esses escravos foram a principal base do povoamento do interior da ilha de Santiago e do Fogo. Assim efectiva-se a ocupação do espaço dessas duas ilhas com duas camadas sociais bem distintas, isto é, os brancos da Europa e os escravos da costa africana.

Muitos estudiosos se têm debruçado sobre esta questão. António Carreira abordando este tema, afirma que “*para povoar as duas ilhas (S. Thiago e Fogo) mandou o infante D. Fernando (...) no ano de 1461 casais do Algarve em companhia do descobridor António de Nolle, Diniz Eannes, e Ayres Tinoco, primeiros Donatários...*”¹⁹ Ainda segundo o mesmo autor inicialmente vieram para Santiago e Fogo algumas famílias do Algarve e Alentejo e que a partir de 1472, o povoamento dessas ilhas se fez com **brancos**²⁰, **nobres**²¹ e **plebeus**²², **degredados**²³ e escravos pretos.

¹⁸ BALENO, Ilídio Cabral. Povoamento e Formação da Sociedade. In: **História Geral de Cabo Verde**. Vol. I. 2ª Edição. Instituto de Investigação Tropical e Instituto Nacional de Investigação Cultural. Praia 2001. Pag. 130

¹⁹ CARREIRA, António. **Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)**. 2ª Edição. Comissão da comunidade Económica Europeia para o Instituto Caboverdiano do Livro. 1983. Pag. 298

²⁰ Constituem a classe dominante formada pelos senhores da terra, dos escravos e do comércio, donos dos sobrados da vila e de confortáveis residências no interior.

²¹ Pessoas que, por descendência ou decisão régia, possui títulos e goza de regalias em relação a outros grupos sociais. In: Dicionário. Porto Editora. 2004

²² Camada pertencente ao povo.

²³ Pessoas exilados da sua pátria ou país onde reside.

Através do cruzamento das duas primeiras camadas sociais, brancos e **negros**²⁴ vai nascer nas ilhas mais uma camada social, (a dos **mestiços**) da “*descendência dos brancos da Europa com as negras de Guiné*”²⁵.

O povoamento de Santiago processou com grande intensidade, visto que, havia um factor importante que o impulsionava, que era o estatuto de vizinhos de Santiago que beneficiar-se de privilégios inerentes a tal condição

A ilha do Fogo povoada depois da de Santiago, por volta de 1515 contava com uma população significativa, Já que “*em 1515 fala-se já no município de S. Filipe. Em 1572 são referidas duas freguesias - S. Filipe e S. Lourenço do Pico - com 240 fogos*”²⁶ e “*em 1519 a ilha do Fogo com 281 senhores, tinha 670 escravas e 565 escravos, naturais da Guiné ou da própria ilha (1235)*”²⁷.

Podemos ainda salientar que a população do Fogo continuou a crescer de uma forma significativa já que, em 1572 “*S.Filipe tinha cerca de 200 fogos*”²⁸, e S. Lourenço à volta de 90 fogos”²⁹. Assim segundo Daniel Pereira sendo “*assim tomando como média 9 pessoas por fogos, a ilha da vulcão, 112 anos distante do seu povoamento teria uma população que poderia avaliar em mais de 2.600 almas, sem contar com os menores*”³⁰.

A ilha dispunha de uma grande reserva de escravos que eram utilizados nos trabalhos de campo e em outras actividades produtivas, como também para exportação.

No princípio do século XIX, segundo José Canrado Carlos Chelmiche, o Fogo tinha 13.150 habitantes na proposição seguinte:

²⁴ Os negros constituíam a maioria da população Caboverdiana da época e eram essencialmente escravos. Pertencem a uma camada social mais humilde constituída por pescadores, criados de serviços, carregadores e por grandes contingentes de pobres trabalhadores rurais. É de salientar que essa camada social é a mais desprestigiada em todas as sociedades escravocratas.

²⁵ CARREIRA, António. **Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)**. 2º Edição. Comissão da Comunidade Económica Europeia para o Instituto Caboverdiano do Livro. 1983. Pag. 298

²⁶ [www. Henriques.4t.com/id24.htm](http://www.Henriques.4t.com/id24.htm).

²⁷ BRÁSIO, P^o António. **Descobrimento/ Povoamento/Evangelização do Arquipélago de Cabo Verde**. Edição separada de STVDIA – Revista Semestral. Nº 10 Junho Lisboa 1962. Pag. 40

²⁸ Local de residência; casa; habitação;

²⁹ PEREIRA, Daniel. cit. (P^o António Brásio) **Apontamento Histórico sobre a Ilha do Fogo**. Edição 1^a. Alfa Comunicações Lda. Praia 2005. Pag. 30

³⁰ Idem. Ibidem.

As camadas sociais que compunham a sociedade foguêense na época³¹:

Camadas Sociais	Nº de contingentes humanos
<i>Branços</i>	<i>150</i>
<i>Mulatos</i> ³²	<i>5000</i>
<i>Pretos foros</i>	<i>6000</i>
<i>Escravos</i>	<i>2000</i>
<i>Total</i>	<i>13.150</i>

Segundo este quadro, podemos constatar que a população aumentou de uma forma muito acelerado. Por outro lado constata-se um aumento considerável dos mulatos e dos pretos foros, o que demonstra o grau de cruzamento entre brancos e pretos. Denota-se também que a primeira (branca) e a ultima camada (escravos) responsáveis pelo surgimento da segunda camada, (mulatos) e da terceira (pretos Foros) tende a desaparecer com o tempo.

*“Antes da fome de 1831-1833 havia (no Fogo) 16.870 habitantes, cuja numero nesta desgraçada ocasião diminuiu de 12.000”*³³.

Assim pelo recenseamento de 1834 o Fogo tinha já apenas 6.000 habitantes dos quais 900 eram escravos.

Desde início do povoamento desenvolveu-se na ilha um aparelho administrativo composto pelo *“Capitão, personificador da justiça senhorial, e uma Câmara, representativa*

³¹ CHELMICHE, José Canrado Carlos. *Corografia Caboverdiana ou Descrição Geographico-Histórico*. Tomo I. Lisboa 1841. pag. 85.

³¹ Idem. Ibidem. Pag. 87

³² O mulatos são filhos de pai brancos e mães mulatas ou pretas ou de pais mulatos. Como é do nosso conhecimento os brancos vinham a Cabo Verde fazer comercio e não traziam a esposa e por isso tinham que recorrer as mulheres negras e desse cruzamento nasciam os mulato que veriam a dar origem á uma terceira camada social que veria a constituir as «famílias remediadas que forneciam a mão-de-obra especializada aos senhores da terra».

³³ CHELMICHE, José Canrado Carlos. *Corografia Caboverdiana ou Descrição Geographico-Histórico*. Tomo I. Lisboa 1841. pag. 88.

de uma organização municipal”³⁴. Para além destas instituições ainda poderíamos encontrar o almoxarifado e a feitoria de algodões. Estas instituições, assim como outras fizeram com que a sociedade foguêse desde muito cedo estivesse bem organizada.

Nos primeiros anos as propriedades da ilha estavam nas mãos de duas pessoas, isto é, nas de Fernão Gomes as terras maninhas e montados nas de Martim Mendes.

Mas, posteriormente foi imposto uma condição á ilha, isto é, “*a indivisibilidade do património e a obrigatoriedade do pagamento da dízima ao rei*”³⁵. Pode se dizer então que as terras estavam divididas em vínculos que se chamavam **Morgadios**³⁶ ou **Capelas**³⁷ e que apenas uma pequena parte dos habitantes as possuíam. Este facto constitui um dos factores que possivelmente estiveram na base da hierarquização da ilha, visto que, estes dois sistemas (Morgadio e Capela) que vigoraram nas ilhas de Santiago e Fogo concentraram as terras nas mãos de um menor número de pessoas ficando a maioria, que não as tinham, na dependência dos proprietários rurais. Salientamos aqui que estes dois sistemas vigoraram até o terceiro quartel do século XIX.

No que se refere as freguesias de Cabo Verde, pode se afirmar que por volta da segunda metade do século XVI já tinham sido criadas “*nove das actuais freguesias de*

³⁴ DOMINGUES, Ângela. Administração e Instituições: Transplante, Adaptação, Funcionamento. In: **História Geral de Cabo Verde**. Vol I. 2ª Edição. Instituto de Investigação Tropical e Instituto Nacional de Investigação Cultural. Praia 200. Pag 52.

³⁵ Idem. Ibidem. 54.

³⁶ “*Teve grande desenvolvimento a partir do séc. XIII e vigorou durante sete séculos. A sua função institucional consistia em defender a base económica e territorial da nobreza, evitando a fragmentação dos bens de raiz nas transmissões por herança. O Morgadio tornava os domínios senhoriais juridicamente vinculados à família, inalienáveis e insusceptíveis de partilha por morte do titular, transferindo-se a um único dos descendentes, o varão primogénito ou, na falta deste, passando à linha feminina, para voltar ao descendente varão logo que houvesse*”. In: CASTRO; (A evolução económica de Portugal.) “. In: estudos de História sócio-económica de Portugal. pp. 67 e seguintes cit. PEREIRA, Daniel. In: **Estudos da História de Cabo Verde**. Edição 2ª. Vol. II. Alfa Comunicações. Praia Junho de 2005. Pag. 51e 52.

³⁷ É o mesmo que igreja pequena, isto é, com uma só altar ao meio de uma cruz central na parte da frente do edifício. Muitas vezes ela é chamada de ermida, se localizar fora do povoado. “É um conjunto de bens em princípios afectos a uma obra pia, a assegurar o culto, mas que em grande parte acaba por construir um Morgado: Esta indissolúvelmente vinculada a uma família que cumpre os deveres religiosos inerentes a tal função, mas goza do usufruto desses bens”. In: GODINHO; (A estrutura na antiga sociedade portuguesa), col. BAB. N.º 139 Ed. Arcaida, Lisboa, 1971, pp. 75-76. cit. PEREIRA, Daniel. In: **Estudos da História de Cabo Verde**. Edição 2ª. Vol. II. Alfa Comunicações. Praia Junho de 2005. Pag. 52.

Santiago e Fogo”³⁸, mas, os documentos a que tivemos acesso não nos permitem citar com precisão as datas da sua criação.

No Fogo existiam duas Freguesias: a de S. Filipe, e a de São Lourenço do Pico. Ilídio Baleno diz o seguinte sobre isso:

Desde o século XVI que a ilha possuiu homens com uma certa capacidade financeira que constituíram uma camada a dos brancos eram grandes proprietários. Estes *“grandes proprietários da ilha possuindo enormes tractos de terrenos, destacam-se: Fernão Gomes, capitão da ilha, o bacharel Martim Mendes, e João Fernandes, escudeiro e mamposteiro mor da rendição dos cativos, Rodrigo de Vilharam, Fernando Soares, Martim Miguel, Fructos de Goês”... Parece que João Fernandes dominava o norte da ilha, ficando como recordação desse domínio um monte com o mesmo nome, dos mais altos dali*”³⁹.

Assim a estratificação social começou a desenhar-se muito cedo na ilha do Vulcão visto que, esses proprietários rurais que precisavam de mão-de-obra para as trabalhar as suas terras, mão-de-obra esse que só poderia ser escravos trazidos da costa da Guiné.

1.1. Mobilidade social operada:

De acordo com o acabamos de concluir, as camadas sociais que compunham a sociedade Caboverdiana, nomeadamente a do Fogo, nos finais do século XV e início do século XVI eram duas a dos brancos e a dos negros surgindo posterior a terceira camada (mestiços).

Como sabemos nada é estático na natureza, tudo esta em constante mutação e o mesmo acontece em relação as sociedades que já tivemos oportunidade de estudar e de conhecer ainda que por meio de documentos escritos. Como é o caso das sociedades do antigo Egipto, da Mesopotâmia, Fenícia, Grécia Antiga, Roma Antiga entre outras. Estas

³⁸ 30 de Setembro de 1469. IAN/TT. Gavetas. 118V.D.2. In: **História Geral de Cabo Verde-Corpo Documental**. Edição Instituto de Investigação Científica Tropical e da Direcção-Geral do Património Cultural de Cabo Verde. Vol. I. Lisboa 1988. Pag. 23

³⁹ PEREIRA, Daniel. **Estudos Históricos sobre as ilhas de Cabo Verde**. Edição 2ª. Vol. II. Alfa Comunicações. Praia Junho de 2005. Pag. 50.

sociedades eram sociedades hierarquizadas, onde tiveram lugar conflitos de raças, de classes, revoltas e mutações sociais cujas consequências são bem visível ainda hoje.

A sociedade Caboverdiana particularmente a do Fogo, apesar de ser jovem em relação as sociedades que acabamos de mencionar (sociedades que existiram á milhares de anos) foi confrontada com revoltas sociais, lutas de classe que impulsionaram **mobilidade social**⁴⁰ tendo como consequência o aparecimento de novas classes sociais. Esses conflitos e mutações sociais têm uma certa razão de ser pelo facto da sociedade Caboverdiana particularmente a de Santiago e Fogo ter sido sociedade escravocrata. Falar da sociedade escravocrata em Cabo Verde é, sem margens para dúvidas, evocar Santiago e, necessariamente, o Fogo onde a fixação dos escravos deu-se desde os primórdios do povoamento.

Como em qualquer sociedade escravocrata, os conflitos geraram-se a vários níveis. Pode se dizer também que em Cabo Verde os moradores das ilhas principalmente de Santiago e Fogo participaram em levantamentos contra os abusos e vilanias dos muitos capitães donatários.

As principais razões desses levantamentos foram a forte concentração de terrenos nas mãos de um pequeno número de pessoas (brancos autóctones), isto é, nas mãos dos morgados da ilha. Muitas dessas propriedades, detidas pelos senhores, rapidamente viriam a adquirir o estatuto de propriedades **vinculadas**⁴¹.

Um aspecto muito importante a ter em conta em relação ao Fogo é o seu modelo de exploração económica, que impôs um tipo de sociedade estratificada em classes que,

⁴⁰ Refere-se à transição de indivíduos ou grupos de um estrato ou de uma classe social para outra.

“Existem dois tipos de mobilidade social: intrageracional, caso em que analisamos a situação dos indivíduos numa geração, isto é, a posição por eles ocupadas no início e no fim das suas carreiras; e a intergeracional, caso em que analisamos mais do que uma geração, procurando ver, por exemplo, se os indivíduos pertencem à mesma classe social dos seus pais”. “ In: Diciopédia. Porto Editora 2004. “Ainda ela pode ser entendida como um complexo de mudanças que ocorrem no sistema social e nos indivíduos”.

⁴¹ Instituída ao ligada por vínculo. Fortemente ligado ou preso.

chegou a ser extremamente rígido, e que se reproduziu em tudo o que fosse manifestação socio-cultural da ilha.

Como sabemos uma sociedade escravocrata tem as suas consequências e pressupõem a existência de grandes massas de prisioneiros. *“Efectivamente, uma sociedade baseada no trabalho escravo pressupunha a formação de grandes massas de prisioneiros, que viviam em condições rigorosas e sub humanas, acontecendo muitas vezes, que o seu número ultrapasse, largamente o dos seus proprietários e outros brancos”*⁴².

Assim as antigas famílias abastadas do Fogo provaram ter como destino as seguintes hipóteses:

“a) Grande parte emigrou, não para os Estados Unidos, mas, para Portugal ou, para outras colónias, e mesmo para outras ilhas do arquipélago;

b) Algumas famílias conservaram-se na ilha, porém inferiorizadas economicamente;

*c) Uma ou outra família conseguiu manter a antiga posição”*⁴³.

Um dos motivos que conduziu a essa situação foi o facto de no século XVIII ter-se iniciado em Cabo Verde a pesca da baleia e consequentemente a emigração para os E.U.A de alguns foguênses e bravenses pertencente à classe média e a camada popular. Essa emigração foi um dos factores de mobilidade social durante essa época, visto que, a emigração, enquanto durou favoreceu as camadas que se lançaram nessa aventura. Ao regressarem à ilha traziam dinheiro para comprarem a terra dos morgados.

Um outro factor da mobilidade social nessa época foi o comércio que revelou como um factor bastante lucrativo e a maioria dos que se aventuraram nessa actividade ascenderam na sociedade.

⁴²PEREIRA, Daniel. **Estudos Históricos sobre as ilhas de Cabo Verde**. Edição 2ª. Vol. II. Alfa Comunicações. Praia Junho de 2005. Pag. 41

⁴³ Idem. Ibidem. Pag. 6

Mas, de um modo geral a degradação da classe branca deve-se essencialmente a factores de várias ordens, entre os quais vamos aqui realçar três:

- A abolição da escravatura, que foi o motor da produção durante mais de 3 séculos e que contribui para o acumular das riquezas provenientes da agricultura;
- Extinção do Morgadio, que levam a divisão das terras em pequenas parcelas, fazendo com que ficassem nas mãos de um número maior de pessoas;
- As revoltas sociais. A reivindicação das camadas sociais mais baixas, por uma sociedade mais justa, causou uma certa instabilidade o que pode ter estado na origem da emigração de grande parte da classe abastada.

Pode-se constatar que na ilha do Fogo apesar de algumas revoltas e conflitos existentes nesta sociedade, não houve grandes mobilidades sociais, o que podemos verificar é o surgimento de uma terceira camada social (mestiços) que a pouco e pouco conseguiu ganhar uma posição social considerável, ou seja, a partir dos finais do século XVIII e início do século XIX devido à emigração para os E.U.A, abolição da escravatura e divisão do Morgadio.

CAPÍTULO III

ANÁLISE DA SOCIEDADE FOGUENSE (SÉC. XVI-XIX).

1.1. Fundamentação teórica dessa hierarquização.

A estratificação da sociedade Caboverdiana (em particular a do Fogo) em classes, está intimamente ligada à origem dos seus povoadores e ao modelo da sua colonização.

Pode se assim constatar que na ilha do Fogo até hoje são bem visíveis os traços que caracterizam uma sociedade hierarquizada.

Como é de do nosso conhecimento São Filipe foi elevada á categoria de cidade a 12 de Julho de 1922. Foi a mais antiga povoação de Cabo Verde a **seguir de Ribeira Grande** de Santiago.

Primeiramente vamos começar por fazer a caracterização dos sobrados visto que, constituem um dos elementos nos quais é visível o poderio económico de quem os construiu e consequentemente, constituem marcos da dicotomia social na ilha do Fogo.

A ilha do Fogo constitui uma grande reserva do património cultural material com os seus famosos **sobrados**⁴⁴ situados na sua maioria na cidade de São Filipe. Estes famosos sobrados espelham uma sociedade que outrora foi estruturada e hierarquizada com uma camada social com poderes económicos e sociais, os donos dos sobrados.

Os sobrados, aqui referidos, provavelmente começaram a ser construídos desde presença dos grandes morgados na ilha. Já os sobrados que ainda hoje temos, começaram a ser construídas a partir dos finais do século XVIII. Mas, já a partir do século XIX e XX esses famosos sobrados que podemos ainda hoje visitar, pertenceram as famílias brancas, descendentes dos antigos colonos povoadores.

Os sobrados do Fogo estão ligados ao povoamento histórico da ilha. Segundo Teixeira de Sousa, “*antigamente, o macaco morava na rocha, o negro no funco*⁴⁵, *o mulato na loja (caixeiro) e o branco no sobrado*”⁴⁶.

Mas, ainda no que se refere aos sobrados, devo aqui salientar que eles foram construídos à volta da igreja matriz, sendo um dos moradores o padre Amaro Sacramento Monteiro. Por detrás da igreja existe um sobrado que pertenceu a um dos morgados da ilha, Francisco de Sacramento Monteiro que era também dono de um dos maiores sobrados da cidade que segundo a tradição oral era chamado de castelo, e situava-se no espaço onde é o actual cemitério de baixo em Achada São Filipe onde realizavam-se as festas da bandeira de São Filipe.

Esses edifícios eram normalmente de primeiro andar, de estilo colonial, isto é, amplos, avarandados e cobertos com telha Marselha. “*Apenas os abastado e remediados cobriam com telhas as suas casa. Dai que muita gente se **ufanava** de possuir uma «casa*”

⁴⁴ Habitação de dois pisos construída no velho estilo colonial.

⁴⁵ Pequena habitação circular coberta de colmo.

⁴⁶ SOUSA, H. Teixeira De. **Sobrados, Lojas & Funcos** Contribuição para o Estudo da evolução Social da Ilha do Fogo. In: Claridade nº 8 S. Vicente. CV. 1958. Pag. 2.

tedja»⁴⁷. Nos quintais, os aristocratas mantinham os cavalos de raça, com os quais festejam as festas de S. João, S. Filipe, S. Sebastião e S. Pedro.

Normalmente esses edifícios comportam dois quintais. Um que funciona como lugar de tratamento a sementes ou espaço de lazer (realização das festas da bandeira) e lugar de armazenamento da água das chuvas, através de uma cisterna, enquanto o segundo de terra abatida, em geral com muitas árvores no centro, funcionava como **estábulo**⁴⁸.

Estes sobrados eram construídos com técnicas e estruturas específicas, adaptadas ao clima local e marcados por uma sociedade escravocrata, em que os espaços tinham funções sociais hierarquizantes e segregacionistas.

Estas habitações retratavam um certo bem-estar económico dos proprietários, que para além de possuírem sobrados na vila, ainda tinham casas do campo, como a de Pico Pires, Ilhéu de Contenda, do Cisterno, Maria Chaves entre outros, onde iam passar o verão e cuidar das plantações. Todas essas confortáveis residências eram amplas e cercadas de árvores com enormes quintais para o arrecadamento provisório da colheita. É importante realçar os principais Morgadios da ilha nos séculos passados.

“1. Pico Pires, da família Pires de Barros, Sacramento Monteiro.

2. Cancela.

3. Inhuco, da família de Margarida Gomes Brandão.

4. Pombal, da família Galvão.

5. Morgaço – Outra Banda.

6. Monte Queimado, da família Barbosa de Andrade”⁴⁹.

Como já foi dito os primeiros donos e senhores das melhores e extensas terras eram brancos provenientes da Europa. A mão-de-obra para a exploração das terras era negra,

⁴⁷ TEXEIRA DE SOUSA, Henrique. **Telhados**. In: Jornal Terra Nova. Nº 267. 1999.

⁴⁸ Coberto ou curral em que se abriga o gado; corte. In: Dicionário 2004. Porto Editora.

⁴⁹ BARBOSA, Arlindo Fontes. **Genealogia das Famílias**. Lisboa. 4 de Janeiro de 1999

oriunda da África. Estes dois pólos, distanciados económica e culturalmente, muito cedo se juntaram num processo, quase que fatalista, de miscigenação. A população branca era reduzida e predominantemente constituída por homens. A negra, no entanto, era a grande maioria.

A ascensão social é um dos propulsores da desigualdade, pois a maioria percorre pequenas distâncias - sobe pouco - e a minoria sobe muito o que provoca um estiramento da estrutura social e, portanto, desigualdade.

Teixeira de Sousa numa entrevista à revista fragata «O Fogo de uma ilha» respondendo a pergunta se «a história e a arquitectura de S. Filipe ocupavam também um lugar de destaque», diz “*na minha mente e na minha impressão a arquitectura de S. Filipe esta estritamente ligada a estrutura e á evolução histórica da ilha do Fogo. Quando ainda hoje olho para um sobrado estou a recordar do seu recheio humano de outrora. Recordo-me também da classe social que habitava uma casa de rés-do-chão quando olho para ela. Acontece quando ponho a vista numa palhota, apesar de não existir hoje*”⁵⁰.

Assim como foi referenciado no capítulo anterior o primeiro aglomerado populacional da ilha do Fogo situa se ao sul da ribeira de S. João e tem o nome de achada S. Filipe e encontra-se nas proximidades do cemitério de baixo. Perante esse facto podemos perguntar o que esteve na origem do surgimento do primeiro núcleo populacional nessa zona? Segundo a tradição oral da ilha o surgimento desse primeiro aglomerado populacional prende se com o facto de se ter localizado perto da praia de Nossa Senhora de Encarnação que funcionava como lugar de desembarque durante uma determinada época do ano. Também a Dona Gilda Barbosa partilha a mesma opinião quando afirma que, “*deveriam ter desembarcado na praia da Luz, depois chamada de Nossa Senhora da Encadernação*”⁵¹. “*Esta praia funcionava de 15 de Novembro a 15 de Maio e a da Fonte da Vila, de 15 de Maio a 15 de Novembro*”⁵².

⁵⁰ TEXEIRA DE SOUSA, Henrique. **O Fogo de uma ilha**. In: Revista de Bordo da TACV – Cabo Verde Airlines. Nº 17. Agosto 1998.

⁵¹ BARBOSA, Gilda. **Minhas Historinhas do Fogo**. In: Jornal Terra Nova. Ano XXXI. Nº 347. Janeiro de 2006.

⁵² Idem. Ibidem.

Fig.3.



Fonte: O autor, Agosto de 2006

(Fig. 3 - representa a praia de Nossa Senhora de Encarnação onde se fazia o desembarque durante uma determinada época do ano)

A seta na imagem assinala a praia referenciada anteriormente onde se fazia o desembarque. De acordo com esta imagem pode se notar que a zona onde surgiu o primeiro aglomerado populacional e a praia de Nossa Senhora de Encarnação ficam perto um do outro um facto que pode reforçar essa hipótese.

Ainda gostaríamos de lembrar certas pessoas que habitavam esses sobrados. *“Apelidos como Macedo, Henriques, Sacramento Monteiro, Barbosa, só para citar alguns, sugerem e recordam algumas famílias ilustre de sobrados que fizeram época, marcaram presença e distinguiram-se, alguns, não só como altos funcionários e dirigentes da ilha, do arquipélago no período anterior à independência, (isto é, do período referente ao século XVI ao século XIX) como também funcionaram como referencias nobilitantes da ilha do vulcão,..”⁵³.*

Na ilha dentro das camadas abastadas eram frequentes os casamentos entre primos. *“Ao chegarem a idade de casarem (qual será?...), faziam um vestido de gala, o famoso*

⁵³ FERREIRA, Ondina. **Gente de Sobrado Fogo e as suas Referencias**. In: Jornal Terra Nova. Nº 246. Fevereiro 1997.

«Josezinho» e iam à Igreja, onde estavam os primos que a esperavam para escolherem noivas⁵⁴. E quando se tratava de Morgadas, “o parentes é que lhes escolhiam os noivos, que, para além de primos, deviam possuir bens e serem sensatos, a fim de irem reunindo as propriedades⁵⁵”.

Retratando o mesmo aspecto, António Jorge Delgado, afirma que “*toda a classe mais elevada do pequeno mundo da vila era produto de casamentos realizados entre parentes em grau mais ou menos próximo*”⁵⁶. E acontecia que aquelas famílias com raríssimas excepções, eram (...) descendentes da fidalguia portuguesa que em diversas ocasiões vieram estabelecer-se em Cabo Verde. Dai o motivo de toda aquela gente se orgulhar de uma ascendência aristocrática. Este orgulho de família constituía, sem sombra de dúvida, a feição mais saliente e predominante da gente graúda da ilha do Fogo.

Segundo a tradição oral a cidade encontrava-se dividida em duas partes por um grande paredão que deu origem ao alto de São Pedro e que marca a fronteira entre a vila baixa e vila riba.

Fig.4



Fonte: O autor, Agosto de 2006

Fig.5



Fonte: O autor, Agosto de 2006

(Fig. 4 e 5 - representam o paredão do alto São Pedro)

⁵⁴ BARBOSA, Gilda. **Casamento entre primos**. In: Jornal Terra Nova. Nº 246. Fevereiro 1997.

⁵⁵ Idem. Ibidem.

⁵⁶ DELGADO, António Jorge. Um aspecto original sobre o processo de urbanização da cidade de S. Filipe. Pag. 7.

Segundo a mesma tradição os pobres moravam em bila riba e os ricos na outra parte ou seja em bila baixo. Mas, consta ainda também segundo a mesma tradição que esta divisão é um acidente geográfico, visto que nesse local existia uma pequena ribeira e tendo em conta a fisionomia geográfica da ilha era necessário construir um murro que pudesse proteger a cidade das águas das chuvas.

Uma 2ª hipótese é que essa divisão se deve a querelas entre famílias que pode ter provocado um certo bairrismo no seio da sociedade fogueense.

Uma 3ª hipóteses na qual acredito diz que esta divisão resultou da ocupação dos espaços, e pode ter sido um dos factores desta divisão na medida em que, assim como já tínhamos referenciado anteriormente de que, o primeiro aglomerado populacional pode ter surgido ao sul da ribeira de S. João em achada S. Filipe e a vila, continuando a crescer, isto é a expandir-se em direcção ao fonte bila. Por outro, segundo consta, na zona de achada pato residiam os escravos e a parte superior da cidade estava ocupada na sua maioria pelos mestiços. Mas, apesar dessa divisão, encontramos famílias de diversas camadas sociais a residir no mesmo bairro. Podemos verificar que na parte superior chamada de bila riba considerado bairro dos pobres até hoje ainda são bem visíveis alguns sobrados que outrora pertenciam à classe dos brancos.

Fig.6



Fonte: O autor, Agosto de 2006

Fig.7



Fonte: O autor, Agosto de 2006

(Fig. 6 e 7 – representa alguns dos sobrados da Bila Riba)

Há casos de pessoas que nasceram na «Bila Baxo» e que posteriormente mudaram para bila riba, situação que podia causar um certo mal-estar mas, mesmo assim aconteceu.

Para exemplificar transcrevo aqui uma passagem que ilustra esta mudança. “*Nasci na «Bila-Baxo» (03 de Abril de 1886) e foi ali que decorreram-se-me os primeiros anos. Foi ali que, em grupo constituído de irmãos e primos, em jogos, correrias, disputas e brigas, passei tantos anos que terei de evocar com saudade, visto que foram os mais felizes da minha vida. Mais tarde, porem, resolveu meu pai construir um belo prédio na «Bila-Riba» e mudar para lá a nossa residência. Não se pode conceber o abalo que esta resolução – por nós considerada funestíssima – produziu no pequeno mundo da nossa casa e nas dos nossos vizinhos primos. O quê? Trocar a nossa zona tam querida e pela qual combateríamos até à morte, por outra, nossa rival escarnecida?!⁵⁷*. Através desta pequena passagem foi patente a existência de um certo bairrismo entre as duas zonas e, é por isso que não descartamos também a hipótese de que esse murro pode ser devido a uma cisão na classe dominante.

Na cidade de São Filipe é bem visível até hoje a existência de dois cemitérios na freguesia, de Nossa Senhora da Conceição, Concelho de São Filipe. Um desses cemitérios está localizado no alto da praia de Nossa Senhora de Encarnação (de fonte bila) chamado cemitério de S. Filipe e denominado actualmente “cemitério de baixo” ou “cemitério dos brancos e ricos”. Foi construído no primeiro quartel do século XIX. A sua construção deve se ao facto de terem sido “*proibidos os enterros dentro das Igrejas e nos seus adros a partir de 1845*, o que levou o grande morgado da ilha, *Francisco J. do Sacramento Monteiro, que já tinha um sobrado do lado Sul da Ribeira do boqueirão, mandar construir um pequeno cerco mesmo sobranceiro ao mar, onde poderia enterrar os mortos da família*”⁵⁸.

Segundo a tradição da oral da ilha ainda até os finais do século XVIII os mortos eram enterrados a volta das igrejas e os padres dentro das igrejas mas, não sabemos ao certo se todas as camadas sociais eram enterradas juntos.

⁵⁷ MACEDO, Abílio. **Figuras do Fogo Nho Abílio Macedo, numa evocação da infância**. In: Magma. Ano II. Nº 4. Novembro 1989.

⁵⁸ BARBOSA, Gilda. **Cemitérios de S. Filipe**. In: Jornal Terra Nova. Nº 272. Junho 1999.

Fig. 8



Fonte: O autor, Agosto de 2006

(Fig. 8 representa o cemitério de S. Filipe (cemitério de Baixo))

Este cemitério que inicialmente era privado passou a ser posteriormente um cemitério público. “*No livro dos registos de óbito, lê-se que em 14-09-1950, o Bispo de Cabo Verde declarou que nos registos de óbitos fosse dito: «...sepultado no cemitério público desta Matriz...»*”.⁵⁹

Segundo a tradição oral da ilha esse cemitério era destinado aos brancos, isto é, só se sepultavam pessoas com um certo poder económico ou seja, pessoas abastadas, proprietários de origem europeia.

Mas, consta também que, nesse cemitério foram sepultados pessoas de diversas camadas sociais desde os escravos até aos grandes morgados da ilha. Gilda Barbosa também afirma que “*desde o primeiro registo de 1849, não houve qualquer discriminação nos enterros no único cemitério da altura: pessoas da família de quem inicialmente mandou o fazer, outras pessoas, escravos, escravos libertos e filhos de escravos*”⁶⁰.

⁵⁹ Idem. Ibidem.

⁶⁰ Idem. Ibidem.

Constata-se então que realmente o dito cemitério dos brancos recebeu sepulturas de todas as camadas sociais, mas, não descartamos a hipótese de que neste cemitério foram sepultados mais pessoas da camada social branca do que das outras como é o caso dos “Barbosa Henriques, Barbosa Vicente, Barbosa Monteiro, Vasconcellos, Macedo etc. Hoje em dia se visitarmos este cemitério poderemos ficar com a ideia de que aqui só foram sepultados pessoas de posse, visto que, na altura só as famílias mais abastadas é que tinham condições de construir um mausoléu que permite-nos hoje dar-nos conta de quem foi enterrado nesse cemitério. Acontece que é a existência desses mausoléus pode fazer com que certas pessoas afirmem que é um cemitério dos brancos.

Fora dos muros desse cemitério “dito dos brancos” encontra-se uma sepultura que pode causar a quem o visita uma certa admiração. Muitos afirmam que esta sepultura pertencente a D. Leonarda Barboza Monteiro, (nascida em 1825 e falecida a 1893) e, que foi sepultada fora de cemitério por ter tido relações com um escravo e ter morrido de parto razão pela qual foi marginalizada pela família.

Mas sobre esta questão existe mais uma versão que diz que ela ter-se-ia suicidado e o Padre da altura não a quis enterrar dentro do cemitério. Mas, esta é conferido pelo registo de óbito que diz que ela faleceu “ *aos 07. 03. 1893, nesta vila de S. Filipe, freguesia de Nossa Senhora da Conceição, concelho do Fogo, Diocese de Cabo Verde, pelas oito horas da manhã faleceu de morte natural... um indivíduo de sexo feminino por nome Leonarda Barboza Monteiro, de idade de sessenta e oito anos, casada que foi com Thadeu José do Sacramento Monteiro... foi sepultada no cemitério d’ esta freguesia...*”⁶¹.

⁶¹ BARBOSA, Gilda. **A Sepultura fora dos muros**. In: Jornal Terra Nova. Nº 274. Agosto/Set. 1999

Fig. 9



Fonte: O autor, Agosto de 2006

Fig. 10



Fonte: O autor, Agosto de 2006

(Fig. 9 e 10 mostram a sepultura fora do murro)

Pode-se ainda perguntar o porquê então dessa sepultura fora do murro? Realmente é uma pergunta que carece de uma resposta na medida em que existem várias especulações acerca desse caso. Para justificar esta situação a D. Gilda Barbosa é de opinião que “*era natural que os filhos a quisessem sepultar no cemitério inicialmente construído pelo sogro. Não havendo lugar vago para ali se fazer a cova, foi enterrada do lado de fora, tendo os filhos a intenção de alongar depois o cemitério de forma a que ficasse dentro*”⁶². Quanto à esta questão eu apesar de não ter também não tenha uma resposta cabal, mesmo assim acredito na 3ª hipótese e penso que os filhos acabaram por esquecer alongar o cemitério ou a câmara não autorizou a abertura do cemitério.

Vamo-nos debruçar agora sobre o outro cemitério que, segundo a tradição oral, tinha o nome de cemitério de cima ou cemitério dos pobres e que foi construído na segunda metade do século XIX no lugar denominado Achada Forca.

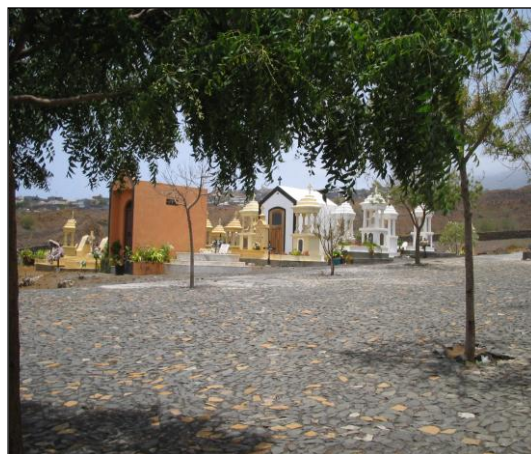
⁶² Idem. Ibidem.

Fig. 11



Fonte: O autor, Agosto de 2006

Fig. 12



Fonte: O autor, Agosto de 2006

(Fig. 11 e 12 representam o cemitério de cima)

Ele foi construído graças ao proprietário “*João Baptista Vieira de Vasconcelos, que deu um bocado da terra para se construir o novo cemitério em lugar mais acessível e espaçoso*”⁶³. A criação deste cemitério veio na sequência de uma epidemia de cólera que assolou a ilha no ano de 1855. Como o cemitério de baixo era muito pequeno para caberem todos os mortos foi se enterrando os mortos em vários sítios de entre os quais no cemitério de baixo “*31 pessoas fora dos muros; 42 em frente da porta da Igreja Matriz, ainda a Capela da Misericórdia; 15 no sítio onde existe a capela de S. João; 15 no adro da ermida de Nossa Senhora do Socorro; 22 pessoas em vários pontos,... Outras 48 foram enterradas nos locais em que morriam,... A partir de 18.07.1855 foram enterrados 51 pessoas no sítio escolhido para o novo cemitério, no lugar denominado Achada Forca*”⁶⁴.

De acordo com os dados extraídos pode-se constatar que ambos os cemitérios tiveram origem em doações de terrenos. No século e ainda hoje existe um certo ritual de sepultar os familiares perto um dos outros, (casais, filhos e parentes próximos) e é nessa

⁶³ BARBOSA, Gilda. **Ainda os Cemitérios**. In: Jornal Terra Nova. N° 273. Junho 1999.

⁶⁴ Idem. Ibidem.

lógica que os detentores do poder económico compravam espaços correspondente a varias covas.

Pode se também verificar que não houve tanta discriminação no enterro dos mortos em qualquer desses já que cemitérios, todas as pessoas da freguesia, pertencentes ou não à classe dos “brancos” foram enterradas no cemitério de baixo assim como os brancos o foram no cemitério de cima. Podemos assim em ambos os cemitérios encontrar indivíduos das mesmas famílias (exemplo a família Barbosa).

A existência desses dois cemitérios não significa, a existência de marcas de uma sociedade escravocrata com posições sociais definidas e com uma forte hierarquização e nem indícios de alguma discriminação e racismo.

Para finalizar a questão dos cemitérios, devo dizer que, apesar dessa problemática é de realçar aqui que no conselho de S. Filipe existe um outro cemitério que a princípio parece-nos de pouco realce visto que, não existe muitas contestações à volta do mesmo. Mas, *“os morgados eram sempre sepultados neste cemitério, juntamente com as esposas”*⁶⁵.

Assim como é sabido o Fogo é uma ilha rica em manifestações culturais, Festejam-se vários santos, nomeadamente as festas da bandeira que é a festa máxima da ilha, isto é, S. Sebastião, S. Filipe, São João Batista e S. Pedro. Dentro do festejo desses santos encontramos alguns aspectos importantes que carecem de uma certa atenção. Cada uma das bandeiras divide-se em duas, isto é, *“havia a bandeira grande do sobrado, e a bandeira de praia do mulato mediano Talvez se possa ainda considerar uma terceira categoria de bandeira, que era a bandeira da gente humilde do campo, que descia à Vila para se incorporar nos actos religiosos e pagãos do dia de S. João ou de S. Pedro. As três classes então existentes marcavam a sua presença de forma distinta no mais importante ciclo festivo que possuía a ilha - as bandeiras”*⁶⁶.

Nota-se que todas as camadas sociais festejavam a festa da bandeira mas, não se misturavam para festejar. A bandeira Grande era festejada apenas pela classe mais abastada

⁶⁵ Idem. Ibidem.

⁶⁶ SOUSA, H. Teixeira De. **Sobrados, Lojas & Funcos Contribuição para o Estudo da evolução Social da Ilha do Fogo**. In: Claridade nº 8 S. Vicente. CV. 1958. Pag. 4.

que habitava os sobrados, sobrados esses que representavam o título de nobreza na época. A outra bandeira era a Bandeira de Praia que era uma bandeira festejada pelas outras classes sociais, isto é, as mais baixas ou melhor dizendo as mais pobres de entre as quais temos: os mulatos, mestiços e negros.

Mas, como é sabido com o passar dos tempos as coisas mudaram de figura devido à degradação da classe privilegiada e a ascensão dos mulatos. A bandeira grande passou para as mãos dos mulatos e a de praia para a classe humilde. A partir de então *“as cavalhadas deixaram de ser a exibição máxima de uma classe privilegiada, para se transformar numa sobrevivência insustentável, uma vez que perdeu o seu primitivo significado social. Só os brancos podiam ser cavaleiros”*⁶⁷.

O que se pode constatar hoje em dia é que essas festas, ou seja, essas bandeiras não possuem as mesmas características de outrora ou seja, não tem a mesma amplitude do passado. A de Nhô São Filipe assim como é chamada no Fogo, (juntamente com as outras) apesar de ter perdido a amplitude, ao contrário das outras, voltou a ser festejada à grande graças à junção dos descendentes das famílias da Bandeira Grande. Hoje ela é a festa mais popular da ilha, e é festejada por todos sem distinção social.

Também não deixaríamos de salientar que nessa sociedade, à semelhança daquilo que aconteceu noutras, permaneceram traços culturais bem marcantes.

Um deles pode ser o habito do uso constante do guarda-sol principalmente no meio urbano a quando da ida ao mercado, ao hospital, trabalho etc. Hábitos esse que causa admiração a alguns visitantes da ilha que o tem criticado, dizendo que as pessoas do Fogo são racistas, que estão se prevenindo de tornarem se pretos, outros dizem que ainda os foguenses acreditam serem nobres, ricos e brancos. Mas, como é sabido a ilha do Fogo tem um clima muito quente e torna-se necessário a protecção dos raios solares por meio de um material muito acessível, confortável e próprio para tal, visto que, estes raios são prejudiciais à saúde humana. Mas, por outro defendo que à semelhança das outras ilhas, aqui também permaneceram traços culturais herdados dos nossos antepassados e considero

⁶⁷ Idem. Ibidem. Pag. 5

que o uso do guarda-sol veio do passado ou seja que é uma herança da vivência dos nobres de outrora.

CONCLUSÃO

Ao longo da elaboração deste trabalho de fim de curso que visa retratar os aspectos sociais da ilha do Fogo do século XVI ao século XIX, verificamos que isso requer um grande cuidado e a análise de vários documentos, na medida em que retratar uma sociedade durante 3 séculos acaba por ser um tema de trabalho de fim de curso muito complexo. No entanto, tentamos na medida do possível sintetizar ao máximo as informações e expor as mais pertinentes. Esperamos que este trabalho seja apenas um ponto de partida que poderá servir de base de apoio as futuras investigações nessa matéria.

Depois de tudo o que dissemos podemos concluir que a ilha do Fogo foi, logo a seguir a de Santiago, a primeira a ser povoada e explorada. Para lá foram enviados casais de portugueses e escravos vindos do continente Africano. Sendo uma ilha essencialmente agrícola cuja exploração se baseava na utilização de mão-de-obra escrava, constituíram-se nela classes sociais separadas por um fosso profundo. A miscigenação processou-se muito lentamente.

Segundo Teixeira de Sousa, ainda no primeiro quartel do século XX uma minoria branca detinha o poder económico e governava a ilha.

A partir dos anos 50 verificou-se uma mudança, uma perturbação da ordem social. Tendo os mestiços se dedicado à actividade comercial, ascendem economicamente e mandam os seus filhos a estudar no estrangeiro. Assim depois de atingir um nível cultural superior só falta agora mudar a mentalidade. Certamente será muito mais difícil, pois a evolução mental é sempre a mais lenta.

Mas, de qualquer modo, ficamos a saber que na ilha do Fogo de início a sociedade estava composta por duas camadas sociais bem distinta e, com o tempo através da relação entre essas duas camadas veio a surgir uma nova. Constata-se que um dos factores preponderantes dessa hierarquização foi o económico. Mas, com as mudanças ocorridas no século XIX, pouco a pouco, os mulatos retornados das Américas ou enriquecidos pelo comércio, conquistaram a supremacia económica da classe dos brancos.

Começaram a adquirir terras dos morgados de outrora, os sobrados dos antigos senhores, ascendendo pouco a pouco na vida social da ilha.

Denota-se que o tempo veio a destroçar o que se construía ao longo do século. Mas, é ainda bem visível de acordo a vivência e convivência dos foguenses, ainda que de forma inconsciente, a persistência alguns traços que, marcam uma certa vivência dos tempos de outrora. É de pensar todavia que estas presenças do passado, embora apagadas na memória tenham moldado a função social desta ilha.

Mas, para julgar o passado não devemos esquecer o ambiente socio-político da época que estudamos visto que, a ilha do Fogo passou por uma História de evoluções e de retrocessos, de convulsões sociais, de erupções e fomes, deixa traços negativos e positivos na vida de um povo.

Devo dizer que após o término desta dissertação fiquei entusiasmado por ter trabalhado sobre este tema e por isso posteriormente pretendo enveredar para área da investigação. Este trabalho pode me servir de base para as minhas futuras investigações sobre a história social de Cabo Verde e em particular, sobre a da ilha do Fogo.

BIBLIOGRAFIAS

- ALBUQUERQUE, Luís de e SANTOS, Maria Emília Madeira (Coord). **História Geral de Cabo Verde**. Lisboa. (2001) Edição 2ª vol. I. Instituto de Investigação Científica Tropical/Direcção. Geral do Património de Cabo Verde.
- ANDRADE, Elisa Silva. **As ilhas de Cabo Verde da «Descoberta» à Independência Nacional (1460-1975)**. Paris. Editions L 'Harmattan. 1996.
- BARCELOS, Cristiano José de Senna. **Subsídios para a História de Cabo Verde e Guiné**. Praia. Edição 2ª. Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro. 2003. Vol: I – IV
- BARBOSA, Arlindo Fontes. **Genealogia das Famílias**. Lisboa. 4 de Janeiro de 1999
- BRASIO, Pe António. **Centro de Estudos Históricos Ultramarinos. Descobrimento/Povoamento/Evangelização do Arquipélago**. Edição separada de STVDIA – Revista Semestral. Nº 10 Junho Lisboa 1962.
- CARREIRA, António. **CABO VERDE: Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)**. Edição 2ª. Instituto Caboverdiano do Livro. Praia 1983.
- CARREIRA, António. **Demografia Caboverdiana (Subsídios para o seu estudo) 1807 – 1983**. Edição Instituto Caboverdiano do Livro. Praia 1985.
- CHELMICHE, José Canrado Carlos. **Corografia Caboverdiana ou Descrição Geographico-Histórico**. Tomo I. Lisboa 1841.

- CHELMICHE, José Canrado Carlos e VARNHAGEN, Francisco Adolfo. **Corografia Caboverdiana ou Descrição Geographico-Histórico**. Tomo II. Lisboa 1841.

- Direcção-Geral do Património Cultural de Cabo Verde. **História de Cabo Verde Corpo Documental**. Vol. I. Edição Instituto de Investigação Científica Tropical - Lisboa 1988.

- Direcção-Geral do Património Cultural de Cabo Verde. **História de Cabo Verde Corpo Documental**. Vol. II. Edição Instituto de Investigação Científica Tropical - Lisboa 1990.

- Estudos petrográficos (1952-1953). **Expedição Científica da ilha do Fogo**. A.H.N. Edição C.F. Torre de Assunção. 1954. Série petrográfica I.

- ÉVORA, Paulino Livramento. **História da Igreja de Cabo Verde**. Praia. Janeiro 1983.

- FILHO, João Lopes. **A Capela do Pico Vermelho em Santiago**. Instituto Camões Centro Cultural Português. Praia 2005.

- LERENO, Álvaro. **Dicionário Corográfico do arquipélago de Cabo Verde**. Agencia geral do ultramar. Lisboa/ MCHLII.

- PEREIRA, Daniel. **Cabo Verde Apontamentos históricos sobre a ilha do Fogo**. Praia. Edição 1ª Alfa Comunicações Lda. 2005.

- PEREIRA, Daniel. **Estudos da História de Cabo Verde**. Edição 1ª Instituto Caboverdiana de Livro. Praia 1986.

- PEREIRA, Daniel. **Estudos da História de Cabo Verde**. (Revista aumentada) Edição 2ª Alfa Comunicações Lda. Praia Junho 2005.

- Repertório Numérico da Simples da Secretaria Geral do Governo.

- TEXEIRA DE SOUSA, Henrique. **Ilhéu de Contenda**. Mem Martins. Publicações Europa América.

Jornal:

Jornal Terra Nova. Nº 246. 1997.

Jornal Terra Nova. Nº 260. 1998.

Jornal Terra Nova. Nº 267. 1999.

Jornal Terra Nova. Nº 284/285/286/287/288. 2000.

Jornal Terra Nova. Nº 260. 1998.

Jornal Terra Nova. Nº 272 a 278. 1999/2000.

Jornal Terra Nova. Nº 289. 2001.

Jornal Terra Nova. Nº 293. 2001.

Jornal Terra Nova. Nº 305. 2002.

Jornal Terra Nova. Nº 342. 2005.

Jornal Terra Nova. Ano XXXII nº 351. Maio 2006.

Jornal Terra Nova. Ano XXXII nº 352. Junho 2006.

Jornal Terra Nova. Ano XXXI nº 346. Dezembro 2005.

Jornal Terra Nova. Ano XXXI nº 346. Janeiro 2006.

Jornal Terra Nova. Ano XXXI nº 346. Fevereiro 2006.

Internet.

- [www. Google. com. br.](http://www.Google.com.br)
- [www. Henriques ilha do Fogo breve história. 4t. com /htm.](http://www.Henriquesilha.doFogo.brevehistoria.4t.com/htm)

Revistas:

- **Magma: Revista de Divulgação. Informação e Recreação** (coordenação: Aires Borges Atelano Fonseca, Fausto do Rosário). Ano I. Nº 1. Edição A. H. N. Abril 1988.
- **Magma: Revista de Divulgação. Informação e Recreação** (coordenação: Aires Borges Atelano Fonseca, Fausto do Rosário). Ano I. Nº 2. Edição A. H. N. Novembro 1988.
- **Magma: Revista de Divulgação. Informação e Recreação** (coordenação: Aires Borges, António Jorge Delgado, Atelano Fonseca, Fausto do Rosário). Ano I. Nº 4. Edição A. H. N. Novembro 1988.
- Revista de Bordo da TACV – Cabo Verde Airlines. Nº 17. Agosto 1998.

Boletim Oficial. Nº 28. 1922.

ANEXOS

Anexo I HGCv- Página 53

Fogo (1)

Já em 1495	Fernão Gomes-----	-----	Bacharel Martim Mendes	
	- Capitania		- rendimentos das terras maninhas e montados	
	- rendimento das Terras maninhas e montados			
Documentos de 20 de Abril de 1528.		D. João de Meneses de Vasconcelos		Primo do rei
		- Capitania		Vedor da Fazenda
		- Rendimento das terras maninhas e montados		
Documentos de 13 de Agosto de 1566.		D. Afonso de Meneses		Capitão de ginetes de
Documento de 29 de Janeiro de 1591.		D. João de Vasconcelos de Meneses	D. Catarina de Sá (2)	D. João III e D. Sebastião.
				Do conselho de Filipe II.
Documento de 29 de Maio de 1607.			D. Afonso de Vasconcelos de Meneses	

----- Transmissão sem laços familiares.

----- Filho.